Trecho da segunda parte de *Por uma moral da ambiguidade* (1947) de Simone de Beauvoir (1908-1986)

“A infelicidade do homem, disse Descartes, vem do fato de que ele foi primeiramente uma criança. E, com efeito, as escolhas infelizes que a maioria dos homens faz só podem ser explicadas porque foram operadas a partir da infância. O que caracteriza a situação da criança é que ela se encontra lançada num universo que ela não contribuiu para constituir, que foi moldado sem ela e que lhe aparece como um absoluto ao qual só pode submeter-se; aos seus olhos, as invenções humanas: as palavras, os costumes, os valores são fatos dados, inelutáveis como o céu e as árvores; isso quer dizer que o mundo em que ela vive é o mundo da seriedade, uma vez que o próprio do espírito da seriedade é considerar os valores como coisas prontas. E isso não significa que a própria criança seja séria; ao contrário, a ela é permitido brincar, despender livremente sua existência; em seu círculo infantil, ela sente que pode prosseguir com paixão e atingir na alegria as metas que se propôs a si mesma; mas se ela realiza essa experiência com toda tranquilidade é precisamente porque o campo aberto para sua subjetividade parece aos seus próprios olhos insignificante, pueril, ela se sente radiantemente irresponsável. O mundo verdadeiro é o dos adultos, e nele só lhe é permitido respeitar e obedecer; singelamente vítima da miragem do para outrem, ela acredita no ser de seus pais, de seus professores: ela os toma pelas divindades que eles em vão tentam ser e cuja aparência eles se comprazem a imitar diante de olhos ingênuos; as recompensas, as punições, os prêmios, as palavras de elogio ou de acusação insuflam nela a convicção de que existem um bem, um mal, fins em si, como existem um sol e uma lua; nesse universo de coisas definidas e plenas, ela acredita ser também de maneira definida e plena: ela é um bom menino ou um mau sujeito, compraz-se nisso; se algo secreto nela desmente essa convicção, ela dissimula essa tara; consola-se com uma inconsistência que atribui à sua tenra idade e aposta no futuro: enquanto espera, representa ser; ser um santo, um herói, um ladrão; sente-se semelhante a estes modelos de que seus livros desenham imagens inequívocas em grandes traços: explorador, salteador, irmã de caridade. A representação da seriedade pode assumir uma tal importância na vida da criança que ela se torna efetivamente séria: conhecemos estas crianças que são caricaturas de homem. E até mesmo quando a alegria de existir é mais forte, quando se entrega a ela, a criança se sente protegida contra o risco da existência por este teto que gerações humanas edificaram sobre sua cabeça. E é nisso que a condição da criança (ainda que ela possa ser em outros aspectos infeliz) é metafisicamente privilegiada; a criança escapa normalmente à angústia da liberdade; ela pode ser a seu gosto indócil, preguiçosa, seus caprichos e seus erros só dizem respeito a ela; eles não pesam sobre a terra; não poderiam abalar a ordem serena de um mundo que existia antes dela, sem ela, onde ela está em segurança por sua própria insignificância; ela pode fazer impunemente tudo o que quiser, sabe que nada jamais acontecerá através dela, tudo já está dado; seus atos não engajam nada, nem mesmo ela própria.

Há seres cuja vida inteira se escoa num mundo infantil, porque, mantidos num estado de servidão e de ignorância, não possuem nenhum meio de quebrar este teto sobre suas cabeças; como a própria criança, podem exercer sua liberdade, mas somente no seio deste universo constituído antes deles, sem eles. É, por exemplo, o caso dos escravos que ainda não se elevaram à consciência de sua escravidão. Não é inteiramente sem razão que os plantadores do Sul consideravam como “crianças grandes” os negros que se submetiam docilmente a seu paternalismo; na medida em que respeitavam o mundo dos brancos, a situação dos escravos negros que se submetiam docilmente a seu paternalismo; na medida em que respeitavam o mundo dos brancos, a situação dos escravos negros era exatamente uma situação infantil. Em muitas civilizações, essa situação é também a das mulheres que não podem senão submeter-se às leis, aos deuses, aos costumes, às verdades criadas pelos machos. Mesmo hoje, nos países do Ocidente, há ainda muitas mulheres, entre aquelas que não fizeram no trabalho o aprendizado de sua liberdade, que se abrigam à sombra dos homens; elas adotam sem discussão as opiniões e os valores reconhecidos pelo marido ou pelo amante, e isso lhes permite desenvolver qualidades infantis proibidas aos adultos por repousarem em um sentimento de irresponsabilidade. Se o que chamamos de futilidade das mulheres tem com freqüência tanto encanto e graça, se por vezes ela possui até mesmo um caráter tocante de autenticidade, é porque, exatamente como as brincadeiras infantis, ela manifesta um gosto gratuito e puro pela existência, ela é ausência de seriedade. A infelicidade é que, em muitos casos, essa despreocupação, essa alegria, essas invenções encantadoras implicam uma profunda cumplicidade com o mundo dos homens que elas parecem tão graciosamente contestar, e é sem razão que nos espantamos ver, logo que o edifício que as abriga parece em perigo, as mulheres sensíveis, ingênuas, leves se mostrarem mais ásperas, mais duras e até mesmo mais furiosas ou mais cruéis que seus senhores. Então descobrimos que diferença as distingue de uma verdadeira criança: à criança é imposta sua situação, ao passo que a mulher (refiro-me à mulher ocidental de hoje) a escolhe ou ao menos a consente. A ignorância e o erro são fatos tão inelutáveis quanto os muros de uma prisão; o escravo negro do século XVIII e a muçulmana encerrada no fundo de um harém não tem nenhum instrumento que lhes permita atacar, seja em pensamento, seja pelo espanto ou pela cólera, a civilização que os oprime: seu comportamento só se pode definir e julgar no seio desse dado; e é possível que na situação deles, limitada como toda situação humana, eles realizem uma perfeita afirmação de sua liberdade. Mas desde que uma libertação aparece como possível, não explorar essa possibilidade é uma demissão da liberdade, demissão que implica a má-fé e que é uma falta positiva.

De fato, é muito raro que o mundo infantil se mantenha além da adolescência. Desde a infância, falhas já se revelam; no espanto, na revolta, no irrespeito, a criança pouco a pouco se interroga: por que é preciso agir assim? para que isso é útil? e se eu agisse de outra maneira, o que aconteceria? Ela descobre sua subjetividade, descobre a subjetividade dos outros. E quando chega à idade da adolescência, todo o seu universo começa a vacilar porque ela percebe as contradições que opõem os adultos uns aos outros e também as hesitações e fraquezas deles. Os homens deixam de lhe aparecer como deuses, e ao mesmo tempo o adolescente descobre o caráter humano das realidades que o cercam: a linguagem, os costumes, a moral, os valores, têm sua fonte nessas criaturas incertas; chegou o momento em que será chamado a participar também dessa operação; seus atos pesam sobre a terra tanto quanto os dos outros homens, ele precisará escolher decidir. Compreende-se que tenha dificuldade de viver esse momento de sua história, e é esta sem dúvida a causa mais profunda da crise da adolescência: é que o indivíduo deve enfim assumir sua subjetividade. Por um certo lado, o desabamento do mundo sério é uma libertação. Irresponsável, a criança também se sentia sem defesa em face das potências obscuras que dirigiam o curso das coisas. Mas por maior que seja a alegria dessa liberação, não é sem uma grande perturbação que o adolescente se encontra lançado num mundo que não está mais pronto, que está por fazer, exposto a uma liberdade que nada mais subjuga, desamparado, injustificado. Em face dessa situação nova, o que ele vai fazer? É nesse momento que ele se decide; se a história que poderíamos chamar natural de um indivíduo: sua sensualidade, seus complexos afetivos etc. depende principalmente de sua infância, é a adolescência que aparece como o momento da escolha moral: então sua liberdade se revela e é preciso decidir sobre sua atitude em relação a ela. Sem dúvida, essa decisão sempre pode ser recolocada em questão, mas de fato as conversões são difíceis, pois o mundo nos manda de volta o reflexo de uma escolha que se confirma através deste mundo que ela moldou; assim se fecha um círculo cada vez mais rigoroso, do qual fica cada vez mais improvável que se possa escapar. A infelicidade que vem ao homem por ele ter sido uma criança reside, pois, no fato de que sua liberdade lhe foi primeiramente mascarada e de que por toda a sua vida ele conservará a nostalgia do tempo em que ignorava as exigências dela.

Essa infelicidade tem ainda uma outra face. A escolha moral é livre e, portanto, imprevisível; a criança não contém este homem que ela se tornará; entretanto, é sempre a partir do que foi que um homem decide sobre o que quer ser: no caráter que confirmou para si, no universo que lhe é correlativo, ele colhe as motivações de sua atitude moral; ora, esse caráter, esse universo, a criança os constituiu pouco a pouco, sem prever seu desenvolvimento; ela ignorava o rosto inquietante desta liberdade que ela exercia irrefletidamente, abandonava-se com tranqüilidade a caprichos, risos, lágrimas, cóleras que lhe pareciam ser amanhã e sem perigo e que no entanto deixavam nela impressões indeléveis. O drama da escolha original é que ela se opera instante a instante pela vida inteira, é que se opera sem razão, antes de qualquer razão, é que a liberdade nela só está presente sob a figura da contingência; essa contingência lembra a arbitrariedade da graça distribuída por Deus aos homens na doutrina de Calvino; aqui também há uma espécie de predestinação proveniente não de uma tirania exterior, mas da operação do próprio sujeito. Entretanto, pensamos que um recurso do homem a si mesmo é sempre possível; não há escolha tão infeliz que não possa ser salva.

É nesse momento da justificação – momento que se estende ao longo de toda a sua vida de adulto – que a atitude do homem se situa num plano moral; a espontaneidade contingente não poderia ser julgada em nome da liberdade. Uma criança, porém, já suscita simpatia ou antipatia. Todo homem se lança no mundo fazendo-se falta de ser; assim ele contribui para revesti-lo de significação humana, ele o desvela; e o mais deserdado experimenta às vezes nesse movimento a alegria de existir: ele manifesta então a existência como uma felicidade e o mundo como fonte de alegria. Mas cabe a cada um fazer-se falta de aspectos mais ou menos diversos, profundos e ricos do ser. O que chamamos de vitalidade, de sensibilidade, de inteligência não são qualidades prontas, mas uma maneira de se lançar no mundo e de desvelar o ser.”

BEAUVOIR, Simone de. *Por uma moral da ambigüidade*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 35-40.